

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

José Pio Feitosa Marinho

**AS CINCO PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS
EM SÃO TOMÁS DE AQUINO**

Teresina

2014

JOSÉ PIO FEITOSA MARINHO

AS CINCO PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS
EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. Jonilson Torres Resende.

Aqui se encontra o texto da monografia.

Assinatura do autor

AS CINCO PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS
EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

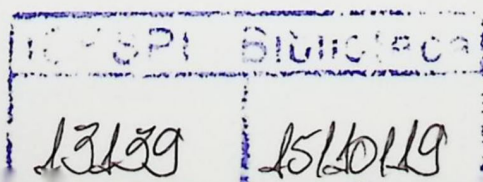
Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. Jonilson Torres Resende.

10-13

Cod. 5859
100
M339c
Ex. 01

Teresina

2014



José Pio Feitosa Marinho

**AS CINCO PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS
EM SÃO TOMÁS DE AQUINO**

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. Jonilson Torres Resende.

Aprovado em ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Ms. Pe. Jonilson Torres Resende. (ICESPI)

Orientador

Professor (a) examinador

Professor (a) examinador

Agradecimentos

Eu tenho muito a agradecer pelo amor, pela vida e pelo trabalho que me são dados, mas eu não deixo de agradecer ao Senhor Deus, que me deu a vida e a saúde, e a todos os meus familiares, especialmente a minha mãe, que me deu a vida e a saúde, e a todos os meus amigos, especialmente a minha esposa, que me deu a vida e a saúde.

Eu também tenho muito a agradecer pelo amor, pela vida e pelo trabalho que me são dados, mas eu não deixo de agradecer ao Senhor Deus, que me deu a vida e a saúde, e a todos os meus familiares, especialmente a minha mãe, que me deu a vida e a saúde, e a todos os meus amigos, especialmente a minha esposa, que me deu a vida e a saúde.

A minha Família e em especial a minha mãe, por me ajudar que o trabalho fosse um grande sucesso.

“Dedico este trabalho à minha Igreja, Una, Santa e Católica, Pelo seu testemunho de amor a Deus e aos homens ao longo destes dois milênios, pela coragem de lutar pela verdade e pela certeza do que prega, de que Deus jamais torna o homem irracional, pelo contrário, nele o homem encontra a luz da verdade e o sentido da vida para iluminar seus caminhos misteriosos”

Agradecimentos

Ao Senhor nosso Deus, pelo amor com o qual preparou para nós este mundo, por ter nos deixado marcas de si mesmo em tudo que existe, com as quais nós o podemos encontrar; Ao Pe. Raimundo José, pela paciência e dedicação, pela sua direção espiritual, disponibilidade, testemunho de vida cristã, amor a Igreja, amor a metafísica, amor aos seminaristas, pela sua orientação neste trabalho.

Ao meu amado são Tomás de Aquino, pela sua intercessão, pelo amor a filosofia o qual iluminou os caminhos da Igreja; À cada um dos nossos grandes mestres do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí e aos colegas de turma, com os quais dividimos a vida e grande parte do nosso tempo.

À minha Família e em especial a minha mãe, por me ensinar que a verdadeira filosofia se aprende vivendo.

RESUMO

Estudo sobre as provas da existência de Deus, concentrado nos escritos de São Tomás de Aquino, nos quais apresenta-se fórmulas e demonstrações lógicas pelas quais é possível deduzir a existência de Deus pela simples observação da natureza tangível das coisas, por meio de cinco vias simples e objetivas: Movimento, Causa, Contingência, Perfeição e Finalidade. Por estas cinco vias é possível perceber que as coisas se movimentam e para tanto precisam de um motor imóvel, pois nem pode mover-se, nem podem haver motores ao infinito, e ainda, que não são causas de si e que o acaso nada faz, que são contingentes, por tanto precisam de um absoluto, que atingem graus de perfeição e finalidade, e que estas exigem uma lógica e para tanto um ordenador, e a conclusão de todas essas causas denominamos Deus.

Palavras-Chave: Existência de Deus. Movimento. Causa. Contingência. Perfeição. Finalidade. Racionalização e Lógica.

RESUMEN

Estudio sobre las pruebas de la existencia de Dios, se concentró en los escritos de Santo Tomás de Aquino, en el que presenta las fórmulas y las declaraciones lógicas de que es posible deducir la existencia de Dios por la simple observación de la naturaleza tangible de las cosas, por cinco rutas simples y directas: Motion, causa, Contingencia, Perfección y Propósito. Para estas cinco maneras que usted puede ver que las cosas se mueven y que necesitan un motor inmóvil, porque no pueden moverse, ni pueden haber motores hasta el infinito, y sin embargo, no son causas de sí y que lo accidentalmente hace, y que las cosas son contingentes por tanto necesitan de un absoluto, también que atienen grados de perfección y finalidad, y que estas necesitan de una lógica y para tanto un ordenador, y para las conclusiones de todas estas cosas, las llamamos Dios.

Palabras-clave: Existencia de Dios. Movimiento. Causa. Contingencia. Perfección. Finalidad. Racionalidad y lógica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	TOMÁS DE AQUINO, BIBLIOGRAFIA RESUMIDA	12
2.1	Filosofia.....	12
2.2	Pensamento	13
2.3	Contextualização do Século XII	14
2.4	Obras Completas	15
3	O CONCEITO DE DEUS	16
4	AS CINCO VIAS DO CONHECIMENTO DE DEUS	19
4.1	O Movimento	20
4.2	Causa e Efeito	23
4.3	Contingência	25
4.4	Graus de Perfeição	28
4.5	Finalidade	32
5	AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS HOJE	36
5.1	O Cientificismo	36
5.2	A filosofia Ateia Moderna	38
6	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da história do conhecimento, pudemos notar a presença de divindades em todos os antigos povos, com o advento do conhecimento na filosofia e na ciência, o homem percebeu que muito daquilo que ele desconhecia era divinizado, a julgar pelo pouco conhecimento que a humanidade tinha, essa questão serviu e serve até os nossos dias para o questionamento da existência de um ser divino, Deus se tornou um problema filosófico para a razão humana. Mas afinal, Deus Existe?

Ainda assim a ideia a respeito da existência de Deus persistia no homem, com uma diferença específica e fundamental: o homem agora decidiu usar a razão para defender a existência de Deus. Esse dado teve acentuação no cristianismo, porém, nem começou com ele, e nem teve exclusividade nele.

No entanto um fato inegável é que essa reflexão tomou proporções acentuadas e significativas, onde um nome se destaca: **São Tomás de Aquino**. Seu trabalho filosófico impressiona a muitos há mais ou menos **VIII séculos**, no entanto como já se disse, nem teve início nele e nem exclusividade com ele, mas, por outro lado, fora perfeitamente demonstrado e complementado pelo nosso amigo frade.

O curioso em tudo isso, é que dois pagãos, entre outros, é que sustentam boa parte dessas argumentações por vias extremamente racionais e inegáveis, sem se atrever ou necessitar de dogmatismos, dois grandes gênios fundamentais no desenvolvimento filosófico da humanidade, respeitados em todos os tempos na história do conhecimento humano, sem os quais provavelmente não chegaríamos ao patamar de conhecimentos dos quais portamos hoje, e aos quais, a humanidade deve mais que respeito e admiração, deve toda estrutura cognoscitiva da atualidade, os quais influenciaram todas as épocas, são eles: Platão e Aristóteles.

São Tomás de Aquino afeiçoa-se muito a Aristóteles, seu estilo literário e sistemático é facilmente reconhecido nos escritos do frade, sua metodologia lógica e silogística além de sua forma de partir de dados sensíveis para atingir cognoscitivamente realidades metafísicas, como é o caso da existência de um Deus, imaterial e imortal.

Entretanto, o conhecimento não se constrói de uma só vez, muito menos por uma única pessoa, e como sabemos Aristóteles foi discípulo de Platão, e algumas de suas teorias já haviam sido apresentadas pelo mesmo, como é o caso da teoria do movimento, a qual, nós analisaremos com mais esmero mais adiante.

Ou seja, Platão, já defendia a existência de Deus¹, com o rigor filosófico racional, tal qual Aristóteles, e essa não foi a única via que pode ser atribuída a Platão, mas é Aristóteles quem sistematiza-as e Tomás quem as aperfeiçoa.

As provas da existência de Deus têm um valor, muitas vezes inimaginável, provando a força que a ideia pode ter sobre o comportamento humano, isso responde a questão sobre a necessidade de se tratar desse tema, pois podemos perfeitamente nos perguntar, sobre a utilidade de se tratar desse tema num compêndio de filosofia, como o fizeram os pensadores modernos e contemporâneos.

As provas da existência influenciam a maneira de pensar e de agir de cada homem, se Deus existe, o meu modo de pensar deve agir conforme essa verdade e para essa verdade, como ocorreu durante mil anos na idade média, mas, se Deus não existe, também minha forma de pensar e de agir devem convergir conforme essa verdade, de qualquer forma Deus é sempre o ponto de partida e isso é inegável.

Seria enganoso demais de nossa parte², fingir que nossos objetivos primários fossem provar a verdade simplesmente por ela mesma e não defender a nossa postura religiosa, no entanto é evidente que essa afirmação não seria verdadeira, nosso objetivo primeiro é sim defender a nossa postura de fé como crentes, para os quais convergem nossos atos e pensamentos, no entanto sem abandonar a verdade racional da qual tanto almeja e necessita o homem, se Deus existe pode ser demonstrado racionalmente pela verdade para todos aqueles que o quiserem conhecer, e para preservar aqueles que possam ser enganados pelas vias escuras das inverdades.

Contudo, não queremos aqui converter alguém pela força da razão a adotar a nossa fé, mas dar esclarecimentos ao mundo inteiro de que o crente não é irracional apenas dogmático, e menos ainda supersticioso, mas no que lhe compete, dar razões, com as provas da existência de Deus, a vida do homem, e por tanto tem mais a contribuir para existência do homem do que uma infinidade de ciências desordenadas que não sabe para onde vai.

Outro ponto que deve ser esclarecido aqui, é que não temos a intenção de nos opor a ciência, ou de lhe calar, como muitos deles almejaram com relação à religiosidade do homem como forma de conhecimento, neste ponto a nobreza da filosofia autêntica se destaca na religião, ela não pretende dividir o homem, mas unir o que no homem foi separado com a modernidade, fé

1 PLATÃO *Leis X*, 886b. apud BATISTA Mondim *Quem é Deus*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paullus, 1997, p.197.

2 Os Crentes

e razão, dimensões diferentes do mesmo homem que juntas o elevam a realidades inimagináveis, mas que separadas encarceram o homem em jaulas ideológicas.

Por fim, trataremos, com respeito à filosofia moderna, que simplesmente desistiu de dialogar sobre Deus, por um lado, nem provando a inexistência de Deus, e por outro calando a razão das provas cosmológicas da existência de Deus, alegando simplesmente a inutilidade prática do tema, o que por sua vez gerou a tese sobre a experiência empírica como único caminho de verdade que deveria ser aceito, como provar Deus empiricamente? Mas, como provar a inexistência de Deus empiricamente? Entre essas questões, optou-se simplesmente por calar a questão e a arquivar, como um caso sem solução.

Os resultados de tudo isso, foram o cientificismo desordenado que por sua vez deixou o homem sem perspectivas de eternidade, felicidade, sem sentido existencialista, um tempo onde o mal do século se tornou um homem depressivo e estressante. A retomada desse tema é fundamental por devolver ao homem contemporâneo tudo àquilo que os modernos lhe roubaram, e por vias racionais, como nós observaremos por vias do Movimento, Causa, Contingência, Graus de Perfeição e Ordem Finalista, o retorno desse tema, (A Existência de Deus), devolverá o estilo tradicional, que o homem perdeu, de raciocinar, sem os exageros instantâneos da ciência que o tornam preguiçoso. Bem vindo de volta a você.

2 TOMÁS DE AQUINO, BIOGRAFIA RESUMIDA

Tomás nasceu em Aquino por volta de 1225, de acordo com alguns autores no castelo do pai Conde Landulf de Aquino, localizado em Roccasecca, no mesmo Condado de Aquino (Reino da Sicília, no atual Lácio). Por meio de sua mãe, a condessa Teodora de Theate, Tomás era ligado à dinastia Hohenstaufen do Sacro Império Romano-Germânico. O irmão de Landulf, Sinibald, era abade da original abadia beneditina em Monte Cassino. Enquanto os demais filhos da família seguiram uma carreira militar, a família pretendia que Tomás seguisse seu tio na abadia; isto teria sido um caminho normal para a carreira do filho mais novo de uma família da nobreza sulista italiana.³

Aos cinco anos, Tomás começou sua instrução inicial em Monte Cassino, mas depois que o conflito militar que ocorreu entre o imperador Frederico II e o papa Gregório IX na abadia no início de 1239, Landulf e Teodora matricularam Tomás na *studium generale* (universidade) criada recentemente por Frederico II em Nápoles. Foi lá que Tomás provavelmente foi introduzido nas obras de Aristóteles, Averróis e Maimônides, todos que influenciariam sua filosofia teológica. Foi igualmente durante seus estudos em Nápoles que Tomás sofreu a influência de João de São Juliano, um pregador dominicano em Nápoles que fazia parte do esforço ativo intentado pela ordem dominicana para recrutar seguidores devotos. Nesta época seu professor de aritmética, geometria, astronomia e música era Pedro de Ibérnia. Aos 19 anos, contra a vontade da família, entrou na ordem fundada por Domingos de Gusmão. Estudou filosofia em Nápoles e depois em Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Estudou teologia em Colônia e em Paris se tornou discípulo de Santo Alberto Magno que o "descobriu" e se impressionou com a sua inteligência. Por este tempo foi apelidado de "boi mudo". Dele disse Santo Alberto Magno: "Quando este boi mugir, o mundo inteiro ouvirá o seu mugido."

Foi mestre na Universidade de Paris no reinado de Luís IX de França. Morreu, com 49 anos, na Abadia de Fossanova, quando se dirigia para Lião a fim de participar do Concílio de Lião, a pedido do Papa.

2.1 Filosofia

Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na Escolástica anterior,

³ WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre. *Tomas*, Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_de_Aquino . acessada dia 18.08.2011, às 09:45 hs.

compaginou um e outro, de forma a obter uma sólida base filosófica para a teologia e retificando o materialismo de Aristóteles. Em suas duas *summae*, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: a *Summa theologiae* e a *Summa contra gentiles*.

A partir dele, a Igreja tem uma Teologia (fundada na revelação) e uma Filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão, unidas em sua orientação comum rumo a Deus. Sustentou que a filosofia não pode ser substituída pela teologia e que ambas não se opõem. Afirmou que não pode haver contradição entre fé e razão.

Explica que toda a criação é boa, tudo o que existe é bom, por participar do ser de Deus, o mal é a ausência de uma perfeição devida e a essência do mal é a privação ou ausência do bem.

Além da sua Teologia e da Filosofia, desenvolveu também uma teoria do conhecimento e uma Antropologia, deixou também escrito conselhos políticos: *Do governo do Príncipe, ao rei de Chipre*, que será contraposto da ética, ao *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel. ainda que este lhe seja bem posterior

Com o uso da razão é possível demonstrar a existência de Deus, para isto propõe as **Cinco vias** de demonstração, que veremos mais adiante.

2.2 Pensamento

Partindo de um conceito aristotélico, Aquino desenvolveu uma concepção hilemórfica do ser humano, definindo o ser humano como uma unidade formada por dois elementos distintos: a matéria primeira (potencialidade) e a forma substancial (o princípio realizador). Esses dois princípios se unem na realidade do corpo e da alma no ser humano. Ninguém pode existir na ausência desses dois elementos.

A concepção hilemórfica é coerente com a crença segundo a qual Jesus Cristo, como salvador de toda a humanidade, é ao mesmo tempo plenamente humano e plenamente divino. Seu poder salvador está diretamente relacionado com a unidade, no homem ou na mulher, do corpo e da alma. Para Aquino, o conceito hilemórfico do homem implica a hominização posterior, que ele professava firmemente. Uma vez que corpo e alma se unem para formar um ser humano, não pode existir alma humana em corpo que ainda não é plenamente humano.

O feto em desenvolvimento não tem a forma substancial da pessoa humana. Tomás de Aquino aceitou a ideia aristotélica de que primeiro o feto é dotado de uma alma vegetativa, depois, de uma alma animal, em seguida, quando o corpo já se desenvolveu, de uma alma racional. Cada uma dessas "almas" é integrada à alma que a sucede até que ocorra, enfim, a união definitiva alma-corpo.

Conforme as próprias palavras de Aquino:

"Anima igitur vegetabilis, quae primo inest, cum embryo vivit vita plantae, corrumpitur, et succedit anima perfectior, quae est nutritiva et sensitiva simul, et tunc embryo vivit vita animalis; hac autem corrupta, succedit anima rationalis ab extrinseco immissa (...) cum anima uniatur corpori ut forma, non unitur nisi corpori cuius est proprie actus. Est autem anima actus corporis organici".

Em português:

"A alma vegetativa, que vem primeiro, quando o embrião vive como uma planta, corrompe-se e é sucedida por uma alma mais perfeita, que é ao mesmo tempo nutritiva e sensitiva, quando o embrião vive uma vida animal; quando ela se corrompe, é sucedida pela alma racional induzida do exterior (...). Já que a alma se une ao corpo como sua forma, ela não se une a um corpo que não seja aquele do qual ela é propriamente o ato. A alma é agora o ato de um corpo orgânico".

2.3 Contextualização do Século XIII

O século XIII pode ser visto como um grande resumo de toda idade média, o tema mais discutido mesmo entre os grandes filósofos eram sempre questões referentes à fé.

O Cristianismo chegava ao seu auge, porém o destaque desse século nas questões de fé e razão foi justamente a permeabilização do pensamento aristotélico, iniciado pelos árabes e judeus, e depois prolongado no ocidente pelo cristianismo.

A Igreja sentia enorme apreço pelo pensamento agostiniano e, portanto, de seguimento platônico, durante muito tempo ela se manteve resistente ao pensamento aristotélico, mas foi justamente com São Tomás de Aquino que este pensamento ganhou respeito e destaque, a filosofia teológica ganha, portanto um caráter mais realista que parte de dados sensíveis.

A idéia de defender a fé por vias racionais era forte em toda idade média, no século XIII não poderia ser diferente, em períodos de grandes guerras entre nações e grandes nomes tanto de pensadores como de santos na igreja católica se destacava cada vez mais, dentre eles nos destacamos São Francisco de Assis, e consequentemente santos franciscanos como; Santa Clara na Itália e Santo Antônio em Lisboa - Portugal, além de São Domingos que recebia o rosário de Nossa Senhora, tudo demonstra a força da fé que regia este período.

O Pensamento tomista nasce como marco inovador e consistente para defender a fé, no entanto seria errôneo de nossa parte imaginar que os pensadores medievais, justamente por serem cristãos, não contribuíram para o desenvolvimento, como costumam citar os modernos, e que apenas buscavam questões teológicas.

Tudo aquilo que os cristãos buscavam na filosofia para defender a fé, no intuito de descobrir a verdade que, portanto certamente confirmaria suas teorias teológicas, enquanto

eles buscavam a verdade, defendiam a fé inclusive para eles mesmos quando a confirmavam por meio da razão eles simplesmente puseram a fé à prova na certeza de que esta passaria *cum sumae laudes*.

Outro fato importante de observarmos era a crise do feudalismo, que por sua vez gerou muitas guerras e revoluções, no entanto o que mais nos deixa intrigados pesquisando sobre o contexto dessa época é a capacidade racional e lógica desse período, muito diferentes dos períodos modernos e contemporâneos, que se dizem progressistas e, no entanto não se questionam sobre questões filosóficas como no período medieval, vivemos em tempos ideológicos e vazios, infelizmente!

2.4 As obras completas

Opera:

- *Scriptum super sententiis*;
- *Summa contra gentiles*;
- *Summa theologiae*.

Há ainda, outras obras em sua maioria comentários filosóficos e teológicos de autores anteriores como Aristóteles e Agostinho, além de comentários e sermões teológicos á referências bíblicas, no entanto suas *Operas Magnas*, são estas acima citadas.

3 O CONCEITO DE DEUS

Uma vez que já adentramos um pouco do contexto bibliográfico do nosso autor, é hora de conceituar o núcleo do nosso tema, ou seja, Deus.

O Conceito de Deus nos servirá de muita ajuda durante nossas demonstrações sobre sua existência, afinal como provar a existência de algo que nem se quer podemos conceituar!

Em todos os lugares e povos do mundo é possível encontrar algum tipo de divindade, alguns povos com mais de uma, a estes, nomeamos como politeístas, no entanto, um aspecto interessante de notar é que em todos estes povos, as características, ou seja, o conceito de Deus tem essencialmente, particularidades semelhantes.

É intrigante aqui abrir um espaço para filosofia da religião e notar que muitos povos acreditavam na vida após a morte, num Deus criador, imortal, onipotente, porém, existem mais definições de Deus.

Segundo o dicionário Aurélio Deus é um *“ser infinito, perfeito e criador do universo, nas religiões politeístas, deus é uma divindade masculina superior aos homens⁴”*.

Independente da crença, deus é sempre conceituado como uma pessoa, acima do próprio ser humano, muitos cétricos e ateus afirmam⁵ que a idéia de deus foi criada pelo homem. *“Façamos Deus a nossa imagem e semelhança”*, foi o que ouvi certa vez de um ateu.

Outros ainda acreditam em Deus como sendo algum tipo de força natural, nisso concentra-se o **Panteísmo**⁶, segundo eles o mundo vivo é o corpo de Deus.

Para os materialistas e ateus, deus é apenas uma idéia do subconsciente primitivo do homem, que supera suas expectativas de realidade, ou seja, aquilo que o homem não pode explicar é citado por deus, no entanto no fim das contas, mesmo os ateus têm um conceito de deus, ainda que para eles, deus seja somente uma idéia do homem.

Outro fato que não deve deixar de passar despercebido, é uma semelhança entre as culturas africanas e gregas.

Na África, Olodumaré criou o mundo material e tudo que está nele, inclusive o homem. Para ajudá-lo nessa tarefa, Olodumaré criou também os Orixás, forças sobrenaturais

⁴ Holanda F. A. Minidicionário de Língua Portuguesa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora: Nova Fronteira, 2000, P. 233.

⁵ Nietzsche, Freud, e muitos ateus e cétricos da atualidade de uma forma geral, no entanto quase todos do senso comum baseados nestes pensadores.

⁶ Doutrina que identifica a divindade como sendo o universo vivo.

que habitavam o Orum (Céu) e se concretizaram associados às forças da natureza e seus elementos, manifestando-se através desses.

Cada orixá é responsável por um aspecto da natureza, e da personalidade do homem, como guerra, morte, fertilidade, fogo, água, céu, terra, vida, força etc.⁷

Os hindus acreditam num espírito supremo cósmico, que é adorado de muitas formas, representado por divindades individuais. O hinduísmo é centrado sobre uma variedade de práticas que são vistos como meios de ajudar o indivíduo a experimentar a divindade que está em todas as partes, e realizar a verdadeira natureza de seu Ser.⁸

A teologia hinduísta se fundamenta no culto aos *avatares* (manifestações corporais) da divindade suprema, Brâman. Particular destaque é dado à *Trimurti* - uma trindade constituída por Brama (*Brahma*), Xiva (*Shiva*) e Vixnu (*Vishnu*). Tradicionalmente o culto direto aos membros da *Trimurti* é relativamente raro - em vez disso, costumam-se cultuar avatares mais específicos e mais próximos da realidade cultural e psicológica dos praticantes, como por exemplo Críxena (*Krishna*), avatar de Vixnu e personagem central do *Bagavadguitá*.

O fato marcante nesses contextos e muitos outros que poderíamos citar seria a semelhança de um deus único no início de tudo, a igreja católica, no concílio Vaticano II, cita-os como sementes do verbo, ou seja, cada religião possui alguma verdade, ainda que distorcida, imperfeita à respeito de Deus, especialmente sobre sua personalidade, quer dizer, sobre o fato de ele ser uma pessoa.

O Contexto com o qual nos relacionaremos aqui será o contexto monoteísta Judaico - Cristão, nesse contexto nos referimos ao Deus-pessoa, revelado na cultura judaica e manifesto na encarnação do verbo de Deus, Jesus cristo, seu filho.

Portanto fica claro para nós que o conceito de Deus, é o de pessoa, no entanto com características perfeitas, imortais, onisciente, onipresente, onipotente, e ainda como criador de todas as coisas no universo.

No decorrer de nossas pesquisas os conceitos, panteísta e cristão se encontrarão, no entanto sem formar uma concepção de Deus, mas atribuindo manifestação e criação à pessoa

⁷ <http://odeigbo.webs.com/olorumouolodumar.htm>, acessado em 28/11/12, às 14:40hs

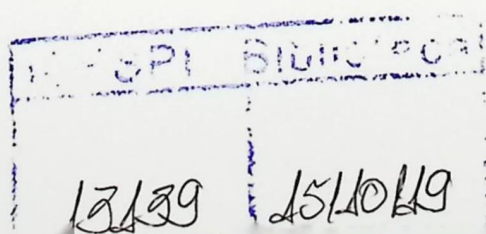
⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hindu%C3%ADsmo>, acessado em 28/11/12, às 14:40hs

de Deus, encontrando no contexto empírico as provas necessárias para a compreensão de sua existência. É possível conhecer a Deus a partir de sua criação sem confundi-lo com ela.

Quando citamos provas empíricas, não afirmamos a experiência sensível de Deus, mesmo porque, se Deus pudesse ser experimentado empiricamente, perderia seu conceito como o conhecemos, mas antes queremos mostrar, bem como São Tomás que, pelo que podemos perceber de sensível e concreto, ou seja, de material, é possível se demonstrar logicamente a existência de Deus.

Em cada um desses conceitos citados acima existem características verdadeiras de Deus, mesmo que imperfeitas e muitas delas identificadas pela semelhança, esse fato nos mostra que nossos conceitos de Deus estranhamente se encontram, mesmo o conceito idealístico dos ateus a respeito de Deus, revela-nos que estranhamente existe uma experiência subjetiva dele identificada em cada contexto, nossos conceitos se identificam e se unem ajudando ainda mais a formar um conceito geral de Deus.

Por fim conceituamos Deus: Pessoa, perfeita, imortal, onipotente, onisciente e onipresente, criadora de todas as coisas; se esse conceito é real ou idealista, se existe ou não, nós o demonstraremos no decorrer dos capítulos desta pesquisa.



4 AS CINCO VIAS DO CONHECIMENTO DE DEUS

As provas cosmológicas da existência de Deus são simples, seguindo o costume aristotélico, São Tomás de Aquino busca demonstrar de forma racional e objetiva e ainda, por formas sensíveis a existência de Deus. Baseado na certeza de que Deus existe, ousou demonstrá-lo:

Tudo aquilo que se pode demonstrar de Deus não seria mais que a partir de seus efeitos, posto que se provássemos algo a respeito de Deus, de modo que o pudéssemos prender e experienciar, já não seria Deus, no entanto cinco belíssimas vias, claras e concisas, baseadas nos seus efeitos podem nos apontar metafisicamente a existência de um ser supremo, e primeiro.

Por estas vias podemos contemplar a real existência de Deus, mas numa ordem tal que ultrapasse noções físicas e científicas, afinal Deus não é material como afirmam alguns, essas vias nos levam justamente por meio de um caminho seguro e sensível a contemplação de uma realidade metafísica, certamente não poderíamos crer que apenas a realidade material existisse e menos ainda reduzir tudo a ela, essa comprovação de uma realidade metafísica, talvez seja o maior fruto que podemos colher dessas cinco vias de São Tomás de Aquino.

Diz-se evidente todas as coisas com as quais citando apenas seus respectivos nomes as identificamos imediatamente, visto por isso que Deus é evidente porque não conatural de nós uma vez que cada povo possui sua divindade.

A evidencia de Deus é tamanha que podemos tranquilamente compará-la com a verdade. Esta por sua vez é evidente, no entanto há quem as negue afirmando que a verdade não existe. Ora, se a verdade não existe, a afirmação de sua não – existência é uma mentira, e se é verdade, então a verdade existe, as evidências contradizem quem as renega, e Deus é uma evidencia.

Com as provas da existência de Deus, toda refutação que não for racional será frustrada no seu objetivo de negar a existência de Deus, analisaremos precisamente o movimento, a causa, a contingência, os graus de perfeição e as finalidades, cada uma dessas realidades por meio da lógica racional e da demonstração exige a existência de Deus, e tal como ele é, ultrapassando as barreiras físicas e científicas até atingir como já se disse um horizonte metafísico o qual só pode ser contemplado pela razão.

Não era pra menos, se as provas racionais e cosmológicas da existência de Deus nos trouxessem uma idéia material de Deus, este não seria mais o Deus como o conhecemos e por fim teria outro conceito, mesmo que filosófico.

No entanto a razão nos levará por vias sensíveis a ultrapassar a barreira física e contemplar a certeza de Deus pela própria razão ainda que no mundo metafísico.

A Razão dá asas ao homem e ao seu conhecimento e nem mesmo o mais descrente dos céticos pode negá-la.

Negar evidências, demonstrações racionais e lógicas por meios sensíveis e inteligíveis é irracional.

Por fim vamos ao que de fato nos interessa as cinco vias para a existência de Deus.

4.1 O Movimento

Antes observaremos como o movimento pode ser uma via de dedução que nos servirá como uma das cinco provas da existência de Deus é preciso antes conceituar cada uma delas, neste caso: O Movimento.

Como é possível entender o movimento como via de prova para o conhecimento de Deus sem ao menos entender o conceito de movimento? Na verdade esse é o grande erro da idade contemporânea; falamos muito sobre coisas que nem ao menos conceituamos, como um médico que passa em média dez anos estudando com o propósito de salvar vidas, quando na verdade ele nunca se questiona sobre o que é vida em si, ou qual o propósito de viver, qual o propósito da minha vida.

Enfim, em geral se diz que movimento é uma mudança ou processo de qualquer espécie⁹. Esse significado corresponde ao do significado Grego. Platão distinguia dois tipos de movimento: Alteração e translação, Aristóteles distinguia quatro, além dos de Platão, já citados, ele também citou os movimentos substancial, (Geração e corrupção.), e o movimento quantitativo, (Aumento e diminuição).

O movimento em geral foi definido por Aristóteles como: "*A enteléquia daquilo que está em potencia*", definição que permaneceu célebre durante séculos. Significa que movimento é a realização do que está em potencia, por exemplo: A construção, a

⁹ Abagnano N. *Dicionário de Filosofia*, 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, P. 700.

aprendizagem, a cura, o crescimento, o envelhecimento, tudo isso são realizações de potencialidade.

No movimento assim entendido a parte fundamental é a do motor, com cujo contato é gerado o movimento “Qualquer que seja o motor”, - Diz Aristóteles —ele sempre trará uma forma (Substância particular, qualidade ou quantidade), que será princípio e causa de movimento quando o motor mover, do mesmo modo como, no homem, a entelêquia faz o homem, do homem em potência.

A física aristotélica é do princípio ao fim uma teoria do movimento, nesse sentido. Seu teorema fundamental “tudo que se move é movido por alguma coisa”, leva a teoria do primeiro motor imóvel do universo, usada por São Tomás de Aquino nas provas da existência de Deus, as quais estamos analisando.

No entanto outro ponto de vista merece nossa atenção: diferente dos outros filósofos, Aristóteles percebe movimento físico, mesmo em coisas naturais: nossos conceitos costumam usar as leis físicas para gerar movimento, por sua vez o estagirita grandiosamente percebe movimentos naturais além dos mecânicos e artificiais produzidos por nós, como antes fora citado sobre crescimento, envelhecimento e etc.

Se os movimentos podem ser naturais e artificiais, os motores também e obviamente seriam naturais e não apenas artificiais como a idéia de motor que possuímos em nossos fracos conceitos modernos, não apenas uma peça mecânica ou elétrica, mais um motor natural, não apenas usando as forças naturais que conhecemos como gravidade, mas uma força que desenvolve a própria existência de todas as coisas, a força vital.

Isso nos leva a concepção de forças naturais que superam nosso conhecimento natural ou físico, e nos revela uma realidade **METAFÍSICA** inegável, o que isso quer dizer é que acabamos por esbarrar numa realidade que ultrapassa a nossa realidade material sensitiva.

Se observarmos bem ao nosso redor veremos que de certo, e o podem perceber os nossos sentidos, que existe o movimento. E que todas as coisas que se movem são movidas por algo ou por alguém. De fato, nada se move a não ser em potência, em relação a aquilo que se move.

Por sua vez quem ou aquilo que está em movimento só pode estar em ato, nada pode mover alguma coisa, ainda que em potência, se não estiver verdadeiramente em ato e a potência não pode mover-se em ato, a não ser movida por algo que também esteja em ato. Um bom exemplo que podemos observar é o fogo. O Fogo está quente em ato, no entanto a madeira esta quente em potência, o fogo pode fazê-la quente de potência ao ato, assim movendo-a e modificando-a.

Um aspecto interessante é que uma coisa não pode ser ato e potência de si mesma, o que está quente em ato não ficará quente em potência, poderá ficar frio em potência, mas nunca em ato.

Da mesma forma é impossível que algo mova e seja movido por si mesmo ao mesmo tempo, aquilo que se move necessita ser movido por outro, e este por sua vez é movido por outro e assim sucessivamente, a grande pergunta é: de todas as coisas que se movem e são movidas, existe um início, ou seja, um motor imóvel, ou simplesmente a seqüência de motores que regem tudo aquilo que se move existe *ad infinitum*, ou seja infinitamente?

Pare, pense e analise as coisas ao seu redor e se questione sobre o que se move.

Se essa seqüência de motores existisse infinitamente, absolutamente nada se poderia ser conhecido no universo e a lógica já não existiria, mesmo porque todas as coisas têm um início e um fim, e é justamente esse início e fim que chamamos de Deus, que por sua vez move todas as coisas animadas ou motoras.

O Próprio Aristóteles já o chamava de motor imóvel, por questões simplesmente lógicas, se esse motor fosse movido por outro (nada teria início e simplesmente seria impossível de se conhecer algo.) então ele ainda não seria o primeiro e nem a causa final do movimento pois ele mesmo receberia o movimento de outro que lhe fosse anterior.

A lógica pede ou exige que exista um início, para que a ordem racional possa conhecer as coisas.

O Movimento é notório e ele exige uma presença com força suficiente para mover o universo sem ser movido por nada.

Esse fato inegável e demonstrável do conhecimento de Deus leva a muitos a cogitarem a existência de,mas não o Deus-pessoa, como no cristianismo, mas uma força natural e motora que rege o universo, e quando citamos os termos, natural e motora, não queremos reduzi-las a forças físicas ou científicas, uma vez que estas não podem explicar aquelas pelo empirismo, mas somente pela razão e pela demonstração lógica podem ser conhecidas.

Por exemplo: nos dias de hoje afirma-se a criação do universo por uma explosão chamada de big bang, ou seja, uma força que movimenta o universo sem ser movida, mas a questão é de onde vem essa força, uma força não nasce simplesmente do nada e mesmo força pressupõe ainda alguém que a force, mesmo assim a ciência é muito limitada, o que nos leva a crer que este motor imóvel não pode ser uma força, porque força é o que move o motor e não o motor em si mesmo, logo, não é a força o motor imóvel, mas o motor imóvel faz surgir a força. O movimento é simples, notório e fantástico e finalmente inegável.

4.2 Causa e efeito

O Conceito de causa em seu significado mais geral faz relação à conexão entre duas coisas, em virtude da qual a segunda é univocamente previsível pela primeira. Historicamente essa noção assumiu duas formas fundamentais:

A Primeira é a de conexão racional, pela qual a causa é razão de seu efeito e este, por isso, é dedutível dela.

A Segunda tem caráter empírico pela qual o efeito não é apenas fruto de sua causa, porém, entende-lo se torna possível por meio dela. Neste caso, causa é apenas uma das engrenagens do motor, metaforicamente falando, mas nunca causa exata deste.

A grande questão que se pode observar nestes dois conceitos é que o conceito empírico limita a realidade a um dado estritamente material, tornando-se de certo ponto de vista um conhecimento cético, do tipo “crer pra ver”, no entanto já sabemos que a realidade não pode ser reduzida a um dado material, uma vez que o próprio homem não é simplesmente material.

Por qual dos meus sentidos eu posso tocar a justiça, ou qual é a cor da verdade, o cheiro da beleza? Existem coisas que o homem sente e sabe que existem, no entanto não é por meio do sentido empírico que ele experimenta esta realidade, é antes pela sua subjetividade, o que prova que existem coisas que não passam pelos sentidos e nem por isso deixam de ser realidade.

Mas como chegar a esse conhecimento sem experimentá-lo empiricamente? É justamente daí que surge a dedução lógica e seu principal instrumento de demonstração é a causa.

Supostamente percebemos ao nosso redor uma série de coisas existentes e sensíveis, no entanto nem uma delas nasceu por si mesma, ou está como está por si mesma, chamamos esse fenômeno de efeito.

Efeito são todas as coisas que estão em ato como as vemos ou sentimos ao nosso redor, a questão que nos interessa para demonstrar a existência de Deus chama-se Causa.

Todo efeito pressupõe uma causa, por exemplo, você que agora lê essa pesquisa monográfica, só o pode fazer porque antes eu a digitei no meu computador, se eu não o tivesse feito talvez você pudesse ler muitos outros escritos a respeito das cinco vias sobre a existência de Deus, mas jamais leria esta, por que eu fui a sua causa, sem mim ela não existiria.

Por outro lado, mas seguindo a mesma linha de raciocínio, eu só pude fazê-lo graças a alguns intermediadores que traduziram para o espanhol a suma teológica de São Tomás de Aquino, e por tanto só o fizeram graças ao próprio São Tomás que por sua vez as escreveu, sem ele ninguém poderia ler a suma teológica, menos ainda as cinco vias sobre a existência de Deus.

Nada melhor para provar a teoria de causa que o efeito: Todo efeito proveio de uma causa a qual sem ela não existiria, nada está como está por acaso, do acaso não pode existir nada, tudo tende necessariamente a uma causa, e como já vimos na demonstração do movimento, não podem existir causas infinitas, tudo tem que começar de um início.

Portanto, deve existir uma causa em ato puro, que não seja potência de forma alguma, e que por sua vez tenha causado todas as outras causas e subseqüentemente seus efeitos, a essa causa primeira chamamos Deus.

Se não existir essa causa primeira, uma vez que existem causas secundárias, só teríamos duas opções de raciocínio: A primeira é a teoria das causas infinitas, o que racionalmente é impossível e a segunda é a teoria do acaso, e esta sim é impossível de se demonstrar.

Vamos fazer o teste demonstrativo, observe ao seu redor alguma coisa e se pergunte como esta coisa chegou aí, se é lógico que tudo tem uma causa qual foi à causa dessa, que você pode ver e escolher ao seu redor.

O que seria impossível de se pensar é que esta coisa chegou até você por acaso, e isso sabemos que não é verdade, tudo tem um propósito, nem mesmo a planta do jardim nasce por acaso, ela exige uma série de causas, como água, nutrientes da terra, sol, etc... Nem mesmo as coisas da natureza agem e surgem por acaso, tudo está devidamente proposto por aquilo que chamamos de causa.

Se não é possível que existam efeitos sem causas, se todo efeito exige uma causa racional, e ainda se as causas não podem existir infinitamente, só pode haver uma causa primeira que gerou todas as outras, e inegavelmente a chamamos Deus.

Um fato interessante nessa via de contemplação é que dessa vez ninguém pode chamar a causa primeira de uma força natural, como aconteceu na via motora, embora nem mesmo nela racionalmente se possa dizer que o motor imóvel é uma força, no fim das contas inegavelmente tanto o motor imóvel como a causa primeira só podem ser chamados de Deus.

O acaso nos deixa ainda mais um contexto a examinar, que as coisas sejam causas de si mesmas.

À isso dizemos que seja impossível um efeito ser causa de si mesmo, tal qual o efeito não pode estar em ato e potência ao mesmo tempo, uma coisa não pode ser causa de si mesma.

Se assim o fosse, aquilo que é causa de si existiria antes mesmo si próprio, o que racionalmente é impossível, ou seja, mais uma vez nem uma brecha pode ser considerada no caminho da causalidade, tudo exige um causa de si que não seja a si mesmo, o tudo acaba exigindo uma causa primeira, a qual afirmamos mais vez e denominamos, Deus.

Se Excluímos a causa desaparece os seus efeitos, por isso que todo efeito exige causa, sem ela, ele deixa de existir.

Sem dúvida, é extremamente impossível que algo seja causa geradora de si mesmo, isso é algo impensável, do contrario seria antecessora a si mesma, há uma sucessão de causas no universo, de modo que a primeira é intermediária da segunda, e a segunda da terceira, e tudo isso se dá numa sucessão ordinária, sem as quais as intermediárias não existiriam e de fato nem as ultimas, se não existisse uma ordem que exige a existência de uma primeira nem a primeira poderia existir.

Sem uma causa primeira não existiriam as causas subseqüentes e nem as ultimas, o que não é verdade, posto que as últimas existam, e podemos contemplá-las.

4.3 Contingência.

Para entendermos melhor a contingência e todas as coisas as quais se pode demonstrar é preciso antes de tudo conceituá-las. No conceito nós podemos delimitar o nosso objeto de pesquisa apreendendo-o o melhor possível daquilo que ele nos possa oferecer de conhecimento a partir de si mesmo, esse método de observação que parte do objeto sensível chama-se fenomenologia.

Mas a fenomenologia parte de um objeto empírico para conceituá-lo, o que não é o nosso caso, porque a contingência, que é o nosso objeto de observação e de demonstração, não é um objeto empírico, mas está nos objetos sensíveis, e, portanto partiremos dos objetos sensíveis usando não a fenomenologia, mas antes usaremos a dedução lógica por meio da observação, até porque o nosso objetivo não é fazer um tratado da contingência e sim usá-la como demonstração da existência de Deus.

No entanto, nos convém chegar ao nosso objetivo passo a passo, e o primeiro deles é certamente conceituar o nosso objeto mediador, que no caso é a contingência. Usaremos

termos contrários em seus conceitos, como é o caso da essência, e termos análogos, como é o caso do acidente, para assim entender no mais exato possível o conceito de contingência.

O Conceito de contingência é classificado na possibilidade de algo que pode ou não acontecer na relatividade dos fatos, mas o fato marcante da contingência se assemelha com o termo accidental aristotélico, ou seja: A contingência é algo relativo, e conseqüentemente não absoluto, que no final dos fatos não faz diferença, é oposto ao termo que designa essência.

Na essência designa-se algo que não se pode retirar do ser sem fazê-lo deixar de ser aquilo que é, a essência é a característica que define a identidade do ser sem a qual ele deixa de ser aquilo que é, e se manifesta realizando-se na existência, justamente por isso faremos o caminho inverso para encontrar a causa primeira pela contingência.

Primeiro observaremos as coisas sensíveis, e delas usaremos categorias, como é o caso da contingência, e por esta, chegaremos à demonstração da causa primeira, ou no caso da contingência, do absoluto primeiro.

Já o acidente é algo indeterminante, sem o qual o sujeito ainda persiste na sua identidade essencial, como por exemplo, a madeira em si mesma, não importa sua altura, peso, ou mesmo sua cor que tanto lhe sobressai, sem essas singelas características a madeira ainda será essencialmente madeira, mesmo que picotada naquilo que chamamos de aglomerado, ainda assim persiste a identidade material e, por conseguinte a identidade essencial, ideal e tudo mais que a define como madeira.

Em contrário, uma vez que sofre uma mutação e perde sua identidade característica e muda essencialmente deixa de ser madeira e não muda simplesmente acidentalmente, mas essencialmente como no caso da queima de madeira com a qual ela se transforma essencialmente em cinza de madeira e não mais madeira.

Outro grande exemplo, bem mais complexo, que poderemos citar, é o próprio homem.

O que define a essência do homem, e quais são seus acidentes contingentes?

Quando um homem nasce ele surge com determinadas características, como a cor dos olhos, a cor dos cabelos e da pele, o peso, a altura, a sexualidade, e ainda com os membros normais inferiores e superiores que um ser humano precisa.

No entanto ele não deixa de ser homem se perder qualquer uma destas características que citamos acima, não importa a cor dos olhos, ele será essencialmente homem, mesmo que tenha olhos claros ou escuros, verdes ou castanhos, se for negro ou branco, loiro ou moreno, se tiver ou não braços, e mesmo se for homem ou mulher, prevalecerá sempre a essência humana, ou seja, nem um desses acidentes transformará sua identidade essencial de homem.

Algumas potencialidades do homem podem ou existir no homem sem que para isso o próprio homem deixe de existir, chamamos esses acidentes de contingência.

Quando uma mulher decide colorir seus cabelos e passa de morena à loira, não deixou de ser ela só porque mudou a cor de seus cabelos, este é outro aspecto nos chama a atenção nesse detalhe da mulher.

Percebemos que a cor dos cabelos nem sempre existiu, e pode não existir, esse fato não é capaz de alterar a essência da mulher, mas é preciso existir um cabelo essencial para que haja cor neles, e para que essa cor possa ser mudada, sem que o fato de existirem ou não essas cores altere a realidade da existência dos cabelos.

As potencialidades acidentais e contingentes só existem com base numa realidade absoluta, como conferimos no cabelo da mulher, o mesmo se pode dizer, em metáfora, com relação a Deus.

Estes contingentes, que podem ou não existir, exigem um absoluto que por sua vez não mude onde acontecem os acidentes contingentes, se tudo mudasse sempre, jamais seríamos capazes de conhecer algo, por tanto é fundamental que exista algo de absoluto.

Porém, é inegável que exista a cor dos cabelos da mulher, porque estes mudam, ou ainda a altura do homem, o peso da madeira, não podendo subsistir por si mesmas, e sendo acidentes, contingentes, como potencialidades adjetivas, precisam de um sujeito no qual possam existir, esse chamamos de Deus.

Com esses conceitos citados a cima sobre essência e acidente, podemos compreender melhor a contingência que metaforicamente é acidental.

Neste contexto podemos perceber que tudo ao nosso redor é acidental, ou, por ser mais exato, que tudo é contingente, o mundo não deixaria de existir se você nunca tivesse nascido logo sua existência é contingente, não faz diferença, se a árvore que você vê não existisse nada daquilo que vemos pode ser considerado essencial.

Mesmo a água que nos é tão fundamental à sobrevivência, não é esta o princípio fundamental de tudo, ela é como já sabemos uma união de átomos que existem separadamente e independente desta, e assim as coisas vão tomando critérios contingências, mas semelhantemente a relação hierárquica que existe nos casos de movimento e de causa e efeito, também a noção de contingência exige uma realidade absoluta essencial sobre a qual todas as coisas contingentes são formadas, um princípio sem o qual nada por ter sido feito.

Á essa realidade inegável damos o nome de Deus, e é certo que essa realidade ultrapassaria nossas noções empíricas de conhecimento, sabemos certamente que a ciência não tem resposta para todas as perguntas justamente porque se apega ao dado sensível, ao

passo que nossa demonstração parte deles e não os nega, mas ultrapassa-os atingindo uma realidade metafísica sobre a existência de um ser que fosse princípio de tudo.

Negar o fato de que há uma hierarquia nas realidades sensíveis é extremamente irracional e totalmente fora de lógica, esta que por sua vez cognitivamente exige um princípio, nos números, nos cálculos e por analogia nas realidades ao nosso redor.

Mesmo quando sabemos que noções negativas antecedem a hierarquia do número zero e do número um, elas partem de um número neutro positiva ou negativamente, ou seja, tudo pressupõe um início se não há um início, não há um fim, e sabemos que há um fim, porque podemos velos, sem eles viveríamos no caos irracional, sem um início, seríamos forçados a negar nossos sentidos, o que vemos e sentimos empiricamente.

A Contingencialidade nos aponta uma seta em direção a existência de um absoluto que por si é atemporal e princípio de tudo: Deus.

Se negar Deus, terá que negar tudo mais, se, portanto reconheço que existe tudo que sinto por meio dos sentidos ao meu redor, especialmente pela contingência, será obrigado a reconhecer Deus como princípio absoluto.

Encontra, pois o teu Deus, e tudo mais encontrará, renega-o, e te perderás na obscuridade de tua própria razão, e nada mais poderás conhecer, nem o que há nos céus, ou sobre os céus, ou dentro dos céus, ou abaixo do mar ou sobre a terra, e ainda sem o teu Deus não te encontrarás a ti mesmo, condenado a perder-te numa crise existencial como penitência àqueles que o abandonam, absoluto princípio, essência do universo, sem o qual todas as coisas perdem o sentido e deixam de existir, inclusive o próprio homem

4.4 Graus de Perfeição

Como de costume, iniciaremos a nossa reflexão por conceitos, que no caso a seguir se destinará ao termo de perfeição, para, a partir deste designar uma demonstração que nos seja cabível e suficientemente convincente como prova da existência de Deus.

Antes de qualquer reflexão ou pesquisa cada um de nós tem um conceito simples a respeito da perfeição, aos que tem um conhecimento filosófico é fácil perceber nesse conceito características idealistas ou Platônicas¹⁰, uma vez que o conceito clássico e popular do termo

¹⁰ É comum confundirem o realismo Platônico com o idealismo, pois Platão tratava das idéias como o sendo o absoluto realismo, ao passo que o idealismo cartesiano é mais subjetivo.

“reúne todas as qualidades cabíveis ao objeto, extinguindo qualquer defeito, erro, ou suas possibilidades, ou aquilo que atingiu o mais alto grau numa escala de valores”¹¹.

No realismo sensível não existe tal perfeição em qualquer que seja o objeto, esse adjetivo é simplesmente ideal, subjetivo, e para muitos, nunca poderá ser alcançado, ou seja, nada, jamais será tão bom que possa ser considerado perfeito, todas as coisas, são perfeitas em relação às outras, atingindo graus, de qualidade superior ou inferior aquilo com o qual se relaciona por meio de comparação.

Os graus de perfeição de uma determinada coisa são analisados subjetivamente, no entanto, uma coisa é considerada mais perfeita, quanto mais diversas opiniões agrada.

A perfeição como já se foi dito, exclui quaisquer tipos de defeitos, porém, será que podemos observar uma coisa desse tipo ao nosso redor?

Isso nos remete a uma questão: Existe mesmo a perfeição, ou seria esse termo inatingível na realidade sensível? Mesmo que admitamos a subjetividade do termo em relação ao realismo sensível, é preciso reconhecer que não há possibilidades de um bom conceito de perfeição subjetiva ser realizado no realismo sensível, mesmo porque a perfeição exclui quaisquer tipos de defeitos ou erros e corrupções, e justamente por isso ela é totalmente incabível, não há nada de sensível que não esteja sujeita a corrupção. Este por sua vez já é um defeito, utopisando o conceito de perfeição no realismo sensível ou mesmo no realismo platônico, temos que nos render às perspectivas platônicas, onde somente a idéia é perfeita, e o é somente enquanto idéia, o que por sua vez nos poderia ser considerado como imperfeição das idéias. O que nos falta na idéia é a sua concretização, pois ninguém vive de idéias, precisa das substâncias para se alimentar, pensar, viver, precisa de seus sentidos que não são idéias, mas sensíveis e corruptíveis.

Tudo isso nos remete à conclusão de que a perfeição é utópica, seja de que ângulo for, possa ser observada.

Como então usar esse conceito para demonstrar a existência de Deus, que por sua vez é justamente nosso objetivo na reflexão da perfeição.

É justo que nada no sentido sensível seja totalmente perfeito, como já dissemos, segundo o conceito clássico e popular de perfeição, no entanto, numa hierarquia de valores, existem alguns graus de perfeição de algumas coisas quando as relacionamos com outras.

¹¹ HOLANDA F. A. *Minidicionário de Língua Portuguesa*. 4. Ed. Editora: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, P.527.

Esses valores estão nas coisas materiais, mas não são materiais. São valores do tipo, verdade, bondade, beleza, nobreza, justiça e outros valores que se dão nas coisas ao nosso redor.

É fácil perceber isso e totalmente inegável, e por nem uma via de conhecimento podem ser negadas, partindo de exemplos práticos, podemos observar algumas coisas ao nosso redor que por sua vez possuam o mesmo gênero, como uma planta, ou folha, ou uma cadeira, para observarmos seus valores e compará-los em graus de perfeição um em relação ao outro.

Na sua concepção subjetivista, qual é a música mais bonita dentre duas músicas selecionadas por você?¹² Podemos começar por objetos simples, como uma mesa, escolha ou imagine uma mesa de vidro, e outra de madeira, e pergunte-se qual a mais bonita, ou ainda podemos simplificar a questão.

Escolha duas mesas de madeira e as compare pela sua beleza. Ou ainda escolha dez mesas de madeira, e as compare sobe o mesmo ângulo, como qualidade, ou beleza, e perceberás que algumas têm mais defeitos em relação a outras, seja na pintura, na tonalidade, no tamanho, na resistência, etc. Pelo seu padrão ideal de mesa haverá sempre uma hierarquia, haverá uma delas que mais corresponderá as suas expectativas e outras menos, talvez nem uma delas atinja seu padrão, mas certamente uma delas se aproximará mais em relação às outras de suas expectativas idéias de uma mesa.

Da mesma forma acontece com tudo mais quanto podemos imaginar ao nosso redor que seja sensível, nos padrões de valores de beleza, ou verdade, ou de justiça, existem casos mais justos que outros, existem coisas mais belas que outras, existem homens mais nobres que outros, existem ações mais bela que outras, formando-nos uma hierarquia de valores à respeito da perfeição.

Assim também dizemos ser quente, aquilo que mais se aproxima do calor em maior grau, por tanto deve existir um cume a esse conceito de máximo relacionado com os valores os quais citamos anteriormente, a não — existência desse cume resultaria num caos cognoscitivo, como já citamos em todas as vias anteriores, se a perfeição existisse em graus *ad infinitum*, ela seria inatingível, até intelectualmente incompreensível, nesse caso não é o

¹²Veja bem, o conceito de belo nos é igual, porém ele se expressa diferente para cada um de nós, por isso a subjetividade da questão.

início que aponta a existência de Deus, mas o fim, que por sua vez é causa dos graus inferiores de perfeição.

Assim o fogo é o máximo grau do calor e causa de todas as outras formas de calor, assim deve existir um ser perfeito, causa de nossa perfeição graduada que possua em si o fim de toda perfeição em mais alto grau possível, se renegamos este fato, teremos de negar todos os graus de perfeição existentes, e logo não existiriam coisas em graus de valores hierárquicos, e nada existiria em questão de valores hierárquicos, mas em contraposição, existem de fato coisas mais belas que outras, homens mais nobres que outros, pessoas mais justas que outras, das quais sempre deve haver outra que a supere nesses graus de perfeição.

Sempre haverá homens mais nobres do que aqueles que conhecemos, ou mais belos, ou coisas mais nobres, belas e justas que aquelas que conhecemos, mesmo porque não conhecemos todas as coisas e pessoas, mas conhecemos os graus, e estes em fim nos conduzem a um conhecimento necessário de máxima perfeição, se há uma escala é preciso que haja um cume, se reconhecemos a escala certamente precisamos de algo perfeitíssimo que por sua vez seria seu cume, sem ele a escala só poderia ter dois destinos e ambos impensáveis, onde o primeiro é a negação dessa escala, o que por sua vez é inconcebível, visto que podemos facilmente perceber a escala desses graus de perfeição, e a segunda é a tentativa de imaginar uma escala infinita de graus de perfeição, o que logicamente também seria inconcebível, escalas sejam de que forem pressupõem início e fim, e não há como negá-las uma vez que são visíveis.

Por fim, os graus de perfeição são mais uma prova da existência de Deus, no entanto como citamos no conceito nada pode atingir a realidade perfeita sensivelmente, porém, Deus ultrapassa esse dado material atingindo uma realidade metafísica com a qual só podemos contemplar e alcançar por meio da razão, esse dado não nos prova apenas a existência de Deus, por si só ele nos remete a realidade metafísica inegável, e uma vez provando a existência de Deus nos prova a existência de toda uma realidade metafísica.

Se a perfeição não pode ser atingida na realidade sensível, só podemos encontrar dois caminhos: O Primeiro é de que ela não existe e o segundo é de que se existe só pode existir num plano superior que ultrapassa a barreira material e se revela numa realidade metafísica.

Ficaremos, portanto com a segunda questão uma vez que uma coisa que não existe não pode ser pensada, logo a perfeição existe, pode ser observada em graus, como vimos, e se é incompleta no dado material só pode ser imaterial.

Se nos permitirmos fugir um instante do tema, podemos aproveitar e nos questionar se Platão não estava certo em sua concepção realista das idéias, pelo menos quanto à perfeição,

ela existe, não pode ser atingida nas coisas sensíveis e só encontra sua plenitude na idéia, que por sua vez não sendo material é literalmente metafísica, uma vez que ultrapassa a barreira Físico – Material, no mundo das idéias de Platão podemos perceber indícios da metafísica de Aristóteles, com um detalhe: Platão chega ao conhecimento da verdade pelas idéias, e Aristóteles pelas coisas reais e sensíveis.

Certamente São Tomás prefere o caminho do estagirita, para dar mais sustentabilidade e segurança aos seus conceitos a respeito da existência de Deus.

4.5 Finalidade

Essa via é considerada a mais simples, mais usada e mais fácil de entender, ela foi usada por muitos filósofos e é sempre usada no senso comum, sua característica marcante além da simplicidade na facilidade da compreensão, é o fato de, assim como as demais provas, partir de coisas sensíveis. E nessa via atingir uma realidade metafísica inegável.

O Conceito de ordem baseia-se no conceito de “*disposição conveniente dos meios para obtenção de determinados fins*”¹³, esse conceito nos dá uma idéia geral de organização, toda organização tem uma ordem, parece até sinônimo, façamos a nossa experiência outra vez escolhendo alguma coisa ao nosso redor, cada uma delas tem uma finalidade, muitas vezes no meio prático e instantâneo onde vivemos podemos, de início, não perceber a utilidade das coisas, mas elas existem e são inegáveis.

Vejamos uma árvore, com suas folhas e galhos, flores e frutos, tronco e raiz, cada coisa tem sua função, as folhas não são meramente estéticas, e não são verdes ao acaso, o verde nas folhas é a clorofila pelo qual se dá a “respiração” das plantas, onde elas absorvem o gás carbônico e liberam o oxigênio, que por sua vez é necessário para nós que o respiramos e o devolvemos como gás carbônico, é um ciclo perfeito e ordenado.

Ainda no exemplo da árvore, podemos facilmente observar o caule, ele é forte para suportar o peso dos galhos da árvore, e a raiz por sua vez, se assemelha a um alicerce, para sustentar o caule e todo seu peso com toda a árvore, e ainda captura da terra os nutrientes necessários a sobrevivência da árvore, tudo isso é lindo e perfeito, e inegavelmente muito bem ordenado.

¹³Holanda F. A. *Minidicionário de Língua Portuguesa*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000, P. 500.

Todas as coisas ao nosso redor têm a mesma ordem, que por sua vez pressupõe uma finalidade, ou um objetivo, especialmente nas coisas materiais que foram construídas pelo homem, a cadeira e a mesa, o sofá e a televisão, cada coisa tem um objetivo ou uma finalidade que por sua vez nos remete a observar que para o bom desempenho de tal finalidade deve conter em si mesma uma ordem finalista.

Se as coisas materiais são assim, com objetivo finalista e para tanto dotadas de ordem, tanto mais seriam as coisas naturais, no entanto, mesmo os objetos artificiais feitos pelo homem, se possuem uma ordem certamente possuem um ordenador, não há relógio sem relojoeiro, nem sapato sem sapateiro, da mesma forma é gritante que o mundo possua um sumo artífice.

Em linguagem popular perguntamos mesmo os mais simples: Quem colocou o mundo onde ele está hoje? Quem criou as montanhas e os rios, as nuvens e as leis da natureza? Ninguém jamais viu qualquer coisa que seja nascer do acaso, se tudo tem uma causa, contingência, um grau de perfeição, e se movimenta, se tudo é perfeitamente ordenado para um fim deve existir um ordenador, que tenha organizado tudo para seu determinado fim, nada está aí por acaso, tudo tem um fim, isso é claro e simples, e como as outras vias, é inegável, negar esse fim é absurdo, porque tudo está diante de nós, negarmos essa ordem é negar qualquer outro tipo de ordem existente, negar a existência de Deus é mergulhar no mundo do absurdo caos e permanecer na loucura da ausência da razão.

Chamamos este ordenador de Deus, do qual somos inegavelmente imagem, pois somos também ordenadores buscando determinados fins, somos como que uma pré-figuração do que é Deus.

Poderíamos até mesmo dizer que a via da Finalidade ou ordem finalista é a mais linda de todas elas, por ela podemos contemplar o mundo como criação divina e supostamente entender a existência de Deus sem precisar diretamente de dogmas.

É por esta via que o cristão mergulha na contemplação e descobre na obra traços do seu Autor¹⁴, essa via dá margem a outra via, nem tanto uma via racional, mas que pode ser compreendida racionalmente.

¹⁴ É preciso ressaltar que o cristão não é panteísta, não é que para ele Deus seja tudo, mas que uma vez que Deus tudo criou, é possível ver as marcas de seu trabalho em toda criação, como às vezes conhecemos um autor pelo seu poema, um músico pelo seu estilo, conhecemos Deus pela sua Criação.

Essa outra via, nós a chamamos de via de subjetividade, ou experiência subjetiva de cada ser humano, uma experiência que muitas pessoas tiveram e por isso não pode ser chamada de psicose, justamente porque não existe psicose coletiva, ou seja, não é possível que várias pessoas vejam a mesma coisa ao mesmo tempo, sendo isso apenas uma ilusão de suas mentes, ou que várias pessoas sintam a mesma sensação ao mesmo tempo, se tudo isso fosse falso ou ilusório.

A Experiência subjetiva se dá na contemplação: observe a sensação que acontece dentro de você mesmo enquanto contempla a natureza numa paisagem verde, ou nas mudanças temporais como nascer e pôr – do – sol, ou até mesmo diante da imensidão do mar, nas proximidades de um rio, no vento da madrugada, olhando o céu estrelado quando se está longe da cidade.

Tudo isso causa a mesma sensação em ateus e crentes, a contemplação da natureza no silêncio nos causa um momento de meditação interior, um silêncio da racionalidade humana diante da criação que não pode ter nascido sozinha, pois para isso, como já refletimos, precisaria existir antes de si mesma, e isso é inconcebível racionalmente.

Diante dessa natureza que não se cria sozinha e não foi criada pelo homem, só pode ter sido criada por um sumo ordenador, o homem perplexo diante da criação não consegue negar sua admiração, é como se ele se portasse diante das obras de um grande criador, a ele nada mais cabe se não admirar a criação, como num ato de adoração ao seu criador.

Todos nós sentimos as mesmas coisas diante da exuberância da natureza, essa é uma prova, que nasce da via de perfeição, mas que por sua vez gera em nós a experiência subjetiva da existência de Deus, e uma vez que foi experimentada por várias pessoas é inegável aos olhos de quem quer que seja, e facilmente assimilada pela razão humana.

Outra peculiaridade singular na via da finalidade como prova da existência de Deus é, que se cada coisa é predisposta para um determinado fim, numa ordem, isso significa que seu ordenador não é apenas uma força da natureza que rege o universo, como o conceito que muitos têm de Deus, mas é uma pessoa com cognição, uma mente individual, ordem remete não apenas ordenador, mas a pessoa, isso nos prova que o motor imóvel, a causa primeira, não é apenas uma força, mas uma pessoa.

Cada uma dessas vias que citamos, prova cosmologicamente e racionalmente a existência de Deus, seria impossível ao ser humano negá-las; Tentar negá-las, seria gerar o caos a razão e levar a lógica à categoria de absurdo, não aceitar a existência de Deus é negar a ordem das coisas naturais, negar a existência do movimento, prescrever a existência do acaso, afirmar a forma absoluta de todas as coisas, o que sabemos que não é verdade.

Se tudo é feito pelo acaso, de nada serve a nossa razão, se todas as coisas são absolutas nunca deveriam acabar-se.

5 AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS HOJE

5.1 O Cientificismo

Diante da revolução industrial na Inglaterra, o pensamento moderno foi radicalmente influenciado por um filósofo Inglês chamado Francis Bacon: sua teoria filosófica iniciava-se como uma das mais fortes correntes de pensamento da idade moderna, a qual vigora até os dias de hoje.

Essa corrente de pensamento chama-se **Empirismo**, uma doutrina filosófica que reconhece como verdade apenas os argumentos que possam ser defendidos através de experiências empírico-científicas, ou seja, a verdade seria apenas aquilo que pudesse ser provado através da ciência.

Francis Bacon na verdade, não renegou os conhecimentos obtidos por outros métodos que não fossem o empírico sensitivo - científico, mas admitiu que a maioria das verdades obtidas por eles através dos raciocínios lógicos e dedutivos, com seus silogismos, não serviam as necessidades específicas do homem, e, justamente por essa conclusão decidiu abandonar o caminho dedutivo lógico e apagar-se as experiências científicas e empíricas.

*“De modo algum se pode admitir que os axiomas constituídos somente pela argumentação valham para as descobertas de novas verdades, pois a profundidade da natureza supera e muito o alcance do argumento.”*¹⁵

Pensamentos como este que citamos acima transformaram o modo de pensar do homem moderno, que a partir de então estava mais preocupado em crescer cientificamente que refletir sobre as coisas ao seu redor, como era costume da filosofia.

O resultado de tudo isso gerou a modernidade como a conhecemos hoje, o homem não sabe mais o que são as coisas ao seu redor, e tão pouco está interessado em descobrir; a praticidade científica tomou conta de tudo e aboliu, num contexto quase que geral, não apenas as questões dedutivas e lógicas, mas também o pensamento filosófico em si mesmo.

Ou seja, o homem moderno não se interessa mais em saber o que as coisas são; somente lhe interessa descobrir como funcionam; dessa maneira eles reduziram a verdade ao que pode ser provado pela ciência através da experiência, o homem moderno se tornou prático, instantâneo e artificial, com todas as coisas ao seu redor.

¹⁵BACON, F. *Novum òrganum*, Tradução de José Aluysio Andrade. Versão Eletrônica 1997, P.10

É só prestar atenção num estudante de medicina, por exemplo, ele dedica onze anos de sua vida a estudar o corpo dos seres humanos com o objetivo de salvar vidas, mas se o perguntarmos sobre o que é a vida que ele tanto deseja salvar, ele simplesmente emudece sem resposta.

Como soa estranho alguém dedicar onze anos de sua vida estudando e ainda o resto dela para salvar uma coisa sobre a qual não tem um conceito definido, foi isso que nos tornamos; pessoas superficiais e vazias, sem muito sentido ou conhecimento diante das coisas da vida, com o passar dos anos olhamos pra trás e nos perguntamos sobre o que fizemos da vida, e nos admiramos sobre como ela passou despercebida por nós, com um complexo existencialista de uma crise interior.

O Homem moderno sabe como são feitas as coisas, mas não se perguntam o que elas são, e aos poucos a própria vida do homem vai perdendo seu sentido.

A Ciência não se define como verdade definitiva, mas se considera tão importante que simplesmente decidiu excluir as outras, e dentre elas hoje encontramos a filosofia.

Lembro-me quando decidi estudar filosofia, numa conversa com meus amigos onde cada um apresentava suas propostas de vida, alguém simplesmente me perguntou: Mas filosofia serve pra quê?

No mundo prático de hoje, realmente não serve para nada, a ciência cresceu imensamente e transformou o ser humano num produto do meio, e nós perdemos muito com isso, perdemos a nossa opinião, a nossa personalidade, perdemos o senso crítico, mas ganhamos muitas coisas também.

Mas, talvez seja hora de se perguntar: Pra que servem então as provas da existência de Deus hoje? E o que tem haver o desenvolvimento científico com elas?

As provas da existência de Deus estão incluídas nos assuntos que o filósofo Francis Bacon citou como não serventes as necessidades práticas do homem, até podem ser uma verdade, mas, pouco são úteis para a humanidade se as compararmos com a invenção do avião por exemplo, ou a televisão, ou o celular e a internet com seus computadores, ou a geladeira onde podemos armazenar comida.

Por isso muitos citam a idade média como idade das trevas, porque o conhecimento girava em torno de Deus, e não do homem e suas necessidades, embora realmente tenha havido uma concentração exagerada para o tema, hoje tomamos o caminho oposto de tal modo que este caminho perdeu o equilíbrio e se tornou danoso a vida do homem.

O Homem precisa do médico para salvar sua vida em momentos difíceis, mas antes precisa de uma vida para ser salva, uma vida com história, cultura, família, personalidade e sentido existencialista.

A sociedade cientificista de hoje, podou o homem em todas essas fases e o transformou em produto do mercado, o homem de hoje, marcado pela ciência e por uma filosofia ateia e empirista demais, está em crise existencial, não sabe que sentido dar a sua vida, nem sabe se sua vida vale a pena ser salva, suicídios, depressão, stress, são aquilo que chamamos de o mal do século, um grande número de pessoas sofre de muitas dessas doenças, e a maioria delas não pode ser curada por uma fórmula empírica.

O tema relacionado às provas da existência de Deus acarreta uma série de implicações consigo, se Deus existe, isso significa que pode haver vida após a morte, o que por sua vez implica no meu comportamento ético, moral e religioso, e ainda estipula limites para a ciência moderna, para nosso meio cultural, social e econômico.

Isso dá ao ser humano uma dignidade sobrenatural que transforma a realidade extremamente materialista, o que não quer dizer que nós devemos exagerar como aconteceram em alguns casos na idade média, ou simplesmente desprezar a ciência moderna, mas procurar um equilíbrio.

A Existência de Deus nos remota a uma realidade metafísica provando que a ciência tem seus limites; Há realidades não-sensíveis que não podem ser tocados pelos nossos sentidos e experiências empíricas, e essas realidades só podem ser atingidas por meio do esforço do raciocínio lógico, não apenas Deus, mas a essência do próprio homem com tudo que possa existir ao seu redor.

5.2 A Filosofia Ateia moderna.

Na filosofia moderna, muitos filósofos, movidos e inspirados pelas teorias de Sr. Francis Bacon, criticaram as provas da existência de Deus, ou será que nós os interpretamos de um modo errado, ou será que a sociedade da época os interpretou errado?

Não nos cabe aqui criticar ninguém, mas seria impossível falar da concepção das provas da existência de Deus na atualidade sem citar alguns filósofos modernos que discordaram do tema e analisarmos, porém nos aprofundaremos bem pouco nestes, para não nos desviar de nossa temática.

Vejamos então, no livro a crítica da razão pura, Kant, embora um crente, afirmava a ineficácia das provas da existência de Deus, dizia-se delas mais teóricas que práticas: **“No tempo, pois, nenhum conhecimento precede a experiência, todos começam por ela”**¹⁶. Como experimentar Deus empiricamente?

Assim como Francis Bacon, Kant reduziu a verdade àquilo que se pudesse experimentar pelo empirismo, porém é inegável que exista no homem conceitos abstratos intangíveis, por qual dos meus sentidos abstraí o conceito de verdade? Pelos sentidos é possível encontrar a verdade sobre as coisas, mas de onde me vem esse conceito de verdade?

Como eu posso saber que a verdade é verdade, ou que meu conceito de verdade está correto?

Esta questão se difundiu na história da filosofia até os dias de hoje, e justamente Kant tentou desarmá-la, mas afinal de onde vem a verdade das coisas tangíveis, através dos sentidos, ou de nós mesmos que as imprimimos nas coisas?

Kant, Bacon e muitos outros defenderam as teorias empiristas, ou seja, das coisas tangíveis nos vêm às verdades sobre elas; Mas, de onde será que nos vem a noção de verdade, para julgarmos se as afirmações das coisas estão certas ou não?

A verdade em si parece ser uma coisa abstrata, então como medi-la, pesá-la, tocá-la? Esta questão nos aponta um caminho metafísico, com verdades que não podem ser tangíveis, como o próprio conceito de verdade, e não termina nela, ela abre portas para questões como felicidade, justiça, beleza, bondade, amor, amizade, ódio, raiva, mágoa, rancor e etc.

Cada uma destas coisas é abstrata, como então medi-las tangivelmente? Será que deixam de existir por isso? Será que felicidade é prazer, porque todos sentimos prazer num certo momento da vida, mas nem todos somos felizes, será que beleza é apenas estética geométrica harmonizada, porque há muitas coisas organizadas esteticamente que não são belas, e como medir a beleza? Como Pesá-la? Será que simplesmente essas coisas não existem? E se as conhecemos, por qual dos sentidos nos sobrevieram?

Todas estas coisas abstratas, que sabemos que existem, não podem ser medidas empiricamente, assim como Deus, mesmo assim nós as conhecemos, e não pelos sentidos, negar a existência de Deus e submeter à verdade ao empirismo, é fechar a porta metafísica que inegavelmente existe no homem, e reduzir o mistério de sua complexibilidade, a uma materialidade corruptível que lhe tira o sentido existencial.

¹⁶ KANT, E. *Crítica da Razão Pura*, Versão Eletrônica, Tradução de J. Rodrigues de Merege, 1997, P.03

Outro grande cientista da modernidade foi Charles Darwin, um protestante que com suas descobertas, aparentemente matou a Deus. No entanto sabemos que Charles Darwin morreu acreditando em Deus, suas teorias podem ser encontradas no livro: *A Origem das Espécies*, um livro que afirma a evolução das espécies por meio de observações, aparentemente, o mundo estaria sempre ali, evoluindo, e já não precisava mais de um criador, mas sem nos aprofundarmos muito no assunto, é possível perceber a vigência da teoria das causas atuando aí, as coisas só evoluem de algo, não há como evoluir de nada, é preciso que exista uma causa primeira, da qual todas evoluíram, e esta precisa ser incausada, nem pode ser causa de si, pois precisaria existir antes de si, nem pode ser causada por outra, pois não haveria começo e matariamos a lógica.

Recentemente, outro cientista, Stephen Hawking, elaborou uma interessante teoria sobre os buracos negros, afirmando que o universo se contrai e se expande, e a primeira explosão que tivemos, era na verdade o outro lado de um buraco negro, mas além de ser apenas uma teoria improvável, mesmo que fosse verdade ainda supõe um motor primeiro que deu força a toda essa movimentação.

Ou seja, Deus é um problema engavetado, deixado de lado, não se provou a inexistência de Deus hoje, mas há uma soberania científica a respeito da verdade que propaga a idéia de que Deus não existe e que isso foi provado, o que não é verdade, e muito menos não é verdade que seja real apenas o tangível, o que houve com os pensadores modernos foi um ignorar o problema de Deus, e trancá-lo escondendo a chave metafísica que abre as portas para todas essas questões e que conseqüentemente nos revelam Deus.

Lendo Friedrich Nietzsche em obras como, *Humano, demasiadamente humano*, *Gaia Ciência*, *Assim falou Zaratustra*, *Para além do bem do e do mal* e *O Anticristo*, pude notar um desenvolvimento de um pensamento no qual culmina todo o pensamento moderno, especialmente no que diz respeito ao problema da existência de Deus e as cinco provas de sua existência com São Tomás.

"Denomino corrompido um animal, espécie ou indivíduo, quando perde seus instintos" ¹⁷

¹⁷ NIETZSCHE F. *O Anticristo*. Coleção Os Pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 4. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, v.2. p. 127

Criticar a existência de Deus tem grandes consequências, é impossível pensar sua inexistência sem abolir com ele, a metafísica, a ética, a lógica, o sentido existencial do homem, e a própria racionalidade, tudo seria um caos.

Nietzsche começa pela sua visão de homem, o homem para ele é um ser unicamente biológico, a verdade para ele é unicamente empirista, a ética, a moral e a virtude são unicamente à vontade, por meio da qual o homem encontra a verdade, a liberdade e a felicidade, e esta última no prazer.

Para Nietzsche toda filosofia que levava o homem para longe dos seus instintos o aprisionava, o impedia de viver com sua natureza; O que faltou ao nosso amigo alemão foi perceber em primeiro lugar que o homem não é apenas instinto, como um animal qualquer, mas lhe é superior por possuir a razão cognoscitiva, por tanto, é possível ao homem dominar os seus instintos, este tema vem sendo debatido desde os antigos filósofos.

Imagine um homem que resolve seguir todos os seus impulsos sem lei, simplesmente seguir sua própria vontade, numa anarquia moral e social? O mundo certamente seria um caos insuportável. Imagine também um homem movido pelo ódio que resolvesse matar seu semelhante e seguir seus instintos e vontades, ou estuprar uma mulher quando a desejasse? A raça humana provavelmente se extinguiria. Precisamos da nossa razão e precisamos dominar nossos instintos, não castrá-los, mas ajustá-los.

Essa atitude nos mostra que é possível por meio da razão equilibrar o espírito do homem e conseqüentemente organizar bem a sociedade, como é bem organizada a natureza quando cada ser vivente cumpre o seu papel, os peixes nadam, os pássaros voam e o homem pensa, em toda essa ordenação vemos a quinta prova da existência de Deus, não há ordenação sem um ordenador, e seguir sua natureza não significa seguir seus instintos, no caso do homem é retomar sua razão, porque raciocinar também faz parte da natureza do homem.

“Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: ‘Procuro Deus! Procuro Deus!’”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus? – gritou ele, “já lhes direi! Nós os matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos!”¹⁸

18 NIETZSCHE F. *A Gaia Ciência* Apud Mateus Fonteles, Disponível em: <http://ofinaldomundo.blogspot.com.br/2008/01/aforisma-125-friederich-nietzsche-gaia.html> Acessado da 27.08.2012

Nosso amigo alemão, nos mostra em sua alegoria acima, que Deus é apenas uma ideia do homem, na qual ele projeta seus limites, e que esta ideia é antes politicamente utilitária do que verdadeira, e ainda que mesmo os homens virtuosos têm seus vícios.

“Façamos Deus a nossa imagem e semelhança”, dizem os ateus, mas parece tão estranho o homem projetar um Deus que nos manda não seguir nossos instintos, um Deus que morre na cruz e que nos manda amar nossos inimigos, não pode o homem compor uma projeção tão diferente de si, do contrário não seria projeção.

Quando o filósofo afirma a morte de Deus, não é de uma forma literal, do contrário para morrer Deus precisaria existir, e se existisse seria imortal e como poderia morrer?

A morte de Deus vem como uma metáfora, uma vez que Deus é considerado apenas como uma ideia, e é apenas o anúncio de um novo tempo no qual agora o homem é o centro de tudo, mas o homem não mata Deus, ele apenas quer tomar o seu lugar, há apenas uma inversão de papéis, mas quando este fato acontece o caos começa, porque o homem é limitado, é mortal, e precisa de um sentido fora de si, precisa de um ideal, justamente porque, como dizia a segunda prova, é contingente, e quem o criou? E porque existe? Não pode ter criado a si mesmo, não pode ter saído do nada, não vemos o acaso fazendo grandes coisas, na verdade não o vemos fazer nada, simplesmente porque filosoficamente ele não existe.

A própria leitura nos mostra que era um homem louco na alegoria, do contrário veria que é possível perceber ou “ver” a Deus nas coisas, afinal, “A graça, pressupõe a natureza”, como já dizia São Tomás, como é possível deduzir o relojoeiro vendo o relógio, o relógio não se fez sozinho, bem como o homem, esses não são conceitos vazios, é o homem usando a razão.

Por fim a filosofia moderna, ou o ateísmo subjetivista por trás dela, não conseguiu atingir sua meta, “Deus não morreu”, não se foi provado sua inexistência empiricamente, evolução não significa que Deus não criou o mundo, a ética, lógica e razão são fundamentais para nossa sociedade, e elas nos mostram que a metafísica não morreu, está apenas guardada numa gaveta filosófica, esperando que os verdadeiros filósofos usem sua liberdade e razão para questionar.

A Ciência moderna é fruto de toda essa corrente filosófica, esse pragmatismo tornou o homem moderno preguiçoso na busca pelas respostas e muitas vezes irracional, os maiores estudiosos buscam apenas por fórmulas de retardamento de envelhecimento, estética fisiológica, exploração de recursos naturais e outros pragmatismos, o homem moderno não encontrou um motivo para sua existência e simplesmente não se interessa por um, os “filósofos modernos” conseguiram fazer o homem regredir.

6 CONCLUSÃO

O Problema da existência de Deus não é simplesmente uma questão de fé ou teologia como muitos pensam; Deus é uma questão filosófica das mais fundamentais para a vida do homem, de um jeito ou de outro o homem segue seu rumo a partir desta ideia, da existência ou não de Deus.

Com São Tomás, percebemos que é possível debater esse tema a partir de dados sólidos e observações tangíveis, Deus não é tão abstrato quanto parece afinal, as argumentações das causas são tão fortes que para derrubar a ideia da existência de Deus é preciso ferir, não apenas uma, mas todas as colunas filosóficas existentes.

O homem precisa perceber que Deus existe para se desenvolver e preservar o que tem retomando o que perdeu; A reflexão sobre o problema da existência de Deus trará consigo uma filosofia rica, repleta de temas que foram deixados para trás, como os que já citamos: Lógica, Ética, Liberdade, Antropologia, Gnosiologia, Existencialismo, Racionalismo, Espiritualidade, Teologia, Metafísica, Ciência, idealismo, Religião, Transcendência, e por fim Contemplação e Felicidade.

Perder Deus tem um preço muito caro, se a humanidade não estiver disposta a pagar é bom retomar a nossa sã filosofia, porque só ela será capaz de nos tirar da superficialidade na qual nos encontramos, por fim, nossas provas cosmológicas da existência de Deus, realmente nos provam que Deus existe, e não apenas elas, mas todas as suas testemunhas acima citadas além das provas psicológicas de ser impossível que seja apenas uma projeção do homem, pois seria impossível ao homem projetar uma ideia contrária a sua natureza, se o conseguisse, não seria projeção.

Aos nossos amigos empiristas modernos, dizemos-lhes com vossas mesmas palavras que não se deve falar sobre o que não se pode provar, e ao homem moderno, dizemos-lho ainda, com toda razão, que o mundo está cheio de caminhos tenebrosos e ardorosos pela morte de Deus, mas que não é tão fácil matá-lo quanto lhes parece, por isso o melhor remédio contra toda enfermidade cognoscitiva é a reflexão, parar e rever, repensar, questionar, olhar novamente, porque aquele que olha depressa demais está condenado a não ver além daquilo que os outros desejam lhe mostrar.

Renega teu Deus e serás condenado ao mais escuro caos que se possas imaginar, dele depende toda harmonia que existe no cosmos, sem ele emudece a nossa razão, e o próprio homem deixa de ser homem, é Ele a luz que clareia tua razão, Permaneça nele para que não vos percam dos caminhos da verdade.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO T. *Suma Teológica*, Edição redigida pelos regentes de estudo das províncias Dominicanas na Espanha, POR DAMIÁN BYRNE, O.P. MAESTRO GENERAL DE LA ORDEN DE PREDICADORES, versão eletrônica P. 135.

ABAGNANO N. *Dicionário de Filosofia*, 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, P. 700

BACON, F. *Novum organum*, Tradução de José Aluysio Andrade. Versão Eletrônica 1997, P.10

Holanda F. A. *Minidicionário de Língua Portuguesa*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora: Nova Fronteira, 2000, P. 233, 500, 527

KANT, E. *Crítica da Razão Pura*, Versão Eletrônica, Tradução de J. Rodrigues de Menege, 1997, P.03

NIETZSCHE F. *O Anticristo*. Coleção Os Pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 4. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, v.2. p. 127. Ibid. *A Gaia Ciência* Apud Mateus Fonteles, Disponível em: <http://ofinaldomundo.blogspot.com.br/2008/01/aforisma-125-friederich-nietzsche-gaia.html> Acessado da 27.08.2012

PLATÃO *Leis X*, 886b. apud BATISTA Mondim *Quem é Deus*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997, p.197.

WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre. *Tomas*, Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_de_Aquino . acessada dia 18.08.2011